

1 conto e 36 ondas ou 13140 esquecimentos

1 story and 36 waves or 13140 forgettings

Joana Aparecida da Silveira do Amarante

Doutoranda na linha de Teoria e História das Artes Visuais no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV - UDESC). Coordenadora do núcleo educativo do Instituto Collaço Paulo - Centro de Arte e Educação. E-mail: joanaamarante@yahoo.com.br. Orcid: 0009-0007-2634-1144.

Mais uma vez ela não entende o que aconteceu. Acordou de manhã com o despertador. Não consegue mais acordar na hora que se propôs depois de toda essa mudança. Ainda não se acostumou com essa nova rotina que tem muito da anterior ainda. Enrolou aqueles 20 minutos de sempre. Aquelos minutos que tenta perceber se está viva, se está sonhando mais um daqueles sonhos estúpidos que parecem reais. Olha para o teto, olha para a janela por onde passa um raio de sol que ilumina o quarto e que a impede novamente de dormir. Olha para o lado da cama. Ainda respira. Sai da cama e aí tudo começa.

Tenta manter a rotina: alongamento, banho, roupa que foi escolhida previamente no dia anterior, café, escovar os dentes e perceber que, de novo, está atrasada. (Atrasa-se de propósito para garantir todo aquele tempo de horas extras que chegava cedo e saía tarde). No seu íntimo, pensa que é uma revolta poética.

Acho que foi quando saiu de casa. Fecha a porta atrás de si e pensa que esqueceu algo, mas agora não há tempo. Faz tudo às pressas, esquecendo pequenas partes atrás: o cabelo que queria ter lavado, o café melhor passado, preferia ter pegado a meia que não estava furada... Tudo no passo imperfeito.

Esquece de ligar os eletrônicos no trabalho, talvez não tenha limpado direito algo. As coisas caem no chão. Hoje em dia não dá mais para deixar as coisas caírem no chão. Tenta lembrar-se de como começou. Aquele homem simpático que entra e depois sai de forma grosseira, deve ter sido ele quando se lembrou de algo e quis descontar na primeira pessoa. Essas coisas de energia, sei lá, deve ter sido aí. Sua mãe sempre falou para fazer figa nesses casos, mas esquece sempre e traz um pouco de cada pessoa no fim do dia para casa.

Troca mensagens ao longo do dia. Mensagens carinhosas, de trabalho, perguntando como estão as pessoas. Hoje em dia só assim – não por falta de tempo, mas porque as coisas mudaram. Ajuda a passar o tempo, que anda mais rápido. Isso dá uma sensação de preenchimento nessa rapidez lenta. Tenta produzir algumas coisas pessoais, faz uma ou outra mudança no espaço para garantir que a energia circule, mas nada acontece.

Recebe outra mensagem, repassa a mensagem e aí, definitivamente, começa. A sensação de incertezas, de erros. Sempre faz tudo errado, é o que falam. E é o que fica. É o que guarda e toda noite está ali para então aparecer naqueles sonhos estúpidos reais. Achava que tinha resolvido essa sua insistência em se autodestruir, durante aqueles anos de análise e diários. Nem se lembra mais onde

começou. Já faz parte, dia sim e dia não, às vezes semanas nesse inferno que não é astral.

O que começou? Ah, acordou de manhã e percebeu que ainda respirava, e aquele estúpido raio de sol que entra pela fresta da janela...









Joana Amarante, *36 ondas ou 13140 esquecimentos*, 2021. *Still* de vídeo.